

O Uso da Etnografia no Estágio Supervisionado em Sociologia no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFMT

The Use of Ethnography in the Supervised Internship in Sociology in the
Degree in Social Sciences of UFMT

Silvana Maria Bitencourt¹,

Francisco Xavier Freire Rodrigues²

Resumo:

O trabalho aborda a relação entre pesquisa e ensino por meio da disciplina Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso. Procurou-se analisar em que medida o uso do método etnográfico contribui para os estudantes estagiários desenvolverem reflexões sobre a escola, o estudante, o professor e os demais atores que fazem parte da dinâmica escolar cotidiana. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que se utilizou de técnicas como revisão bibliográfica e entrevistas. Concluímos que o estágio supervisionado refletido a partir da atividade de pesquisa contribui para o estudante de licenciatura motivar-se para a vida acadêmica, construindo argumentos desde a graduação que a licenciatura é uma formação que deve estar vinculada à pesquisa, assim à etnografia durante o estágio contribui para fortalecer a relação entre pesquisa e ensino, logo garante ao estagiário refletir sobre os principais desafios presentes na realidade escolar cotidiana.

Palavras-chave: pesquisa, licenciatura, formação docente, Sociologia.

Abstract:

The paper deals with the relationship between research and teaching through the subject Supervised Internship Course of the Degree in Social Sciences of the Federal University of Mato Grosso (UFMT). Searched to analyze the extent to which the use of the ethnographic method contributes to the trainee students to develop reflections on the school, the student, the teacher and the other actors that are part of the daily school dynamics. It is a qualitative research that has used techniques such as bibliographic review and interviews. We conclude that the supervised internship reflected from the research activity contributes to the undergraduate student motivate himself to the academic life, constructing arguments from the graduation that the degree is a formation that must be linked to the research, as well as the ethnography during the internship. Contributes to strengthen the relationship between research and teaching, thus ensuring the trainee reflects on the main challenges present in everyday school reality.

Keywords: Research, Undergraduate, Teacher Training, Sociology.

¹ Doutora em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal do Mato Grosso (Campus Cuiabá) e do Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFMT.

² Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRG). Professor da Universidade Federal de Mato Grosso, Departamento de Sociologia e Ciência Política e do e Ciência Política e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFM.

Introdução

Ao realizar uma breve incursão nas pesquisas sobre a temática da formação docente, verificamos que existe certo consenso entre os autores – André (2002 e 2010), Nóvoa (1995), Torres (1998), Ens e Romanowski (2006) e Brzezinsk e Garrido (2007) – no que se refere ao crescimento substancial de estudos e pesquisas sobre a formação de professores nos últimos 20 anos. Entretanto, é importante ressaltar que os objetos de pesquisa, segundo André (2002 e 2010), foram se transformando ao longo destes anos sendo que na década de 1990 predominavam os estudos sobre formação inicial a partir das licenciaturas, da Pedagogia e da Escola Normal; na década de 2000, as pesquisas enfocam prioritariamente temas como identidade e profissionalização docente; e recentemente, concentram-se nas opiniões, representações, saberes e práticas dos professores. Segundo Nóvoa (1995), é real essa mudança e nos anos 1980 houve um aumento de estudos sobre mal estar docente.

O presente trabalho aborda a relação entre pesquisa e ensino por meio da disciplina Estágio Supervisionado, do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Mato Grosso. Procurou-se analisar em que medida o uso do método etnográfico contribui para os estudantes desenvolverem reflexões sobre a escola, o estudante, o professor e os demais atores presentes na dinâmica escolar cotidiana.

O interesse em estimular os estudantes a realizarem etnografias sobre a escola, durante os dois semestres conclusivos do curso de licenciatura em Ciências Sociais surgiu no segundo semestre de 2012. Ano este que começamos a lecionar semestralmente alternando quem ministrava as disciplinas³ Sociologia da Educação e Metodologia de Ensino em Ciências Sociais I e II. Nestas disciplinas realizamos leituras sobre as novas tendências das pesquisas de Sociologia da educação caracterizadas pela emergência de pesquisas etnográficas sobre a escola a partir de 1975, além do estudo de autores que pesquisam o estágio na atualidade, seja no âmbito da educação, seja no âmbito das ciências sociais (NOGUEIRA, 1995).

³Estas disciplinas são específicas na grade curricular para a formação em Licenciatura em Ciências Sociais além das disciplinas estágio supervisionados I e II. Vale a pena ressaltar que além da discussão sobre o uso da etnografia na escola nestas disciplinas, desde março de 2014 realiza-se um evento intitulado “Ciclo de saberes”: experiências com o ensino de Sociologia na Licenciatura em Ciências Sociais da UFMT envolvendo alunos de licenciatura, professores de Sociologia e demais profissionais da Educação. Para mais informações ver: Bitencourt; Rodrigues (2016).

O trabalho etnográfico clássico como metodologia científica desenvolveu-se no século XIX, a partir das pesquisas de Malinowski e foi também neste mesmo período que o campo da educação fez os primeiros estudos etnográficos que tratavam da organização escolar e da vida escolar em diferentes regiões da Europa. Partindo do histórico do método etnográfico no campo da educação, podemos perceber que este não é um procedimento recente para pesquisa nesta área. Assim, como este método pode contribuir para desmistificar a escola como um espaço socialmente representado como “familiar”, portanto difícil de ser “estranhado”, considerando que muitos de nós já vivenciamos o cotidiano escolar um dia. Refletindo sobre esta questão da autora Nicolle Pffaf (2010) reflete que:

Como todo o pesquisador foi aluno um dia, sente-se familiarizado com a maioria das práticas sociais observáveis nas aulas e inclinado a expressar esses entendimentos ao invés de anotar sequências de ação conforme são observáveis. Mais complicado ainda é a prática da etnografia escolar para pesquisadores com formação para o magistério, uma vez que eles têm uma relação ainda mais próxima com as continuidades e práticas institucionais (p.260).

Partindo desta proposta de introduzir a etnografia como um procedimento para o estagiário construir suas reflexões sobre a escola e sua futura atividade de professor no ensino médio, este trabalho tem como objetivo: analisar quais têm sido as temáticas mais significativas que apareceram durante a observação de campo na escola. Para tanto, analisou-se relatórios finais de cinco estagiários, estes que utilizaram da etnografia em quatro escolas da rede estadual da cidade de Cuiabá, durante o segundo semestre de 2013 e primeiro semestre de 2014.

Durante o período de estágio os estudantes foram em média três manhãs nas escolas para realizar observações sobre a estrutura das escolas, as relações construídas na escola, assim como, acompanhar as aulas de Sociologia. A observação realizada durante as aulas de Sociologia contribuíram para construir a familiaridade com a turma, sendo que estes primeiros contatos com a turma foram fundamentais para a intervenção posterior dos estagiários em sala de aula por meio de suas aulas construídas a partir do plano de ensino do professor ou da elaboração de um projeto envolvendo algum tema de interesse da turma observada. Nesse sentido, este trabalho visa refletir sobre a visão equivocada que muitos ainda associam o curso de Licenciatura em Ciências Sociais a

uma formação definida a partir da representação reduzida de quem faz licenciatura que tem como destino apenas “ser professor”.

Representação, esta que parece mais vinculada a um profissional que transmite conhecimento de um modo bastante mecanizado, não necessitando desenvolver “a arte de pesquisar”. Arte, esta que se constrói a partir de um condicionamento que o acadêmico adquire treinando “o olhar” (GOLDENBERG, 1998) sobre as diversas situações cotidianas que precisará lidar para ministrar suas aulas e conteúdos programáticos de modo que consiga atrair a participação e o interesse discente.

Uma vez que ao se limitar a esta representação da identidade docente mecanizada, o licenciado poderá sofrer o risco de seguir apenas as sugestões do currículo escolar e do livro didático para se formar. Logo, sua carreira profissional poderá ficar comprometida, assim gerando insatisfações pessoais, se considerarmos que todas as reflexões críticas sobre a educação foram desenvolvidas por pesquisadores que conheceram a sala de aula e quando não conheciam traziam para o debate “o choque da docência” (TARDIF, RAYMOND, 2000) ou os impasses entre formação na universidade e da atuação profissional na escola (PERALVA; SPOSITO, 1997).

Nesse sentido, a construção desta identidade de licenciado torna-se mais problemática quando o estudante durante a formação não é motivado para atuar também em pesquisas críticas e reflexivas sobre a realidade escolar que contemplam o campo da educação. É sobre esta equivocada dicotômica entre licenciatura e bacharelado, que a aplicação do método etnográfico durante o estágio supervisionado será articulada neste texto.

A escola como uma instituição aparentemente familiar, quando analisada a partir do trabalho etnográfico tende a apresentar diversas manifestações socioculturais e estranhamentos de suas relações cotidianas apresentadas. Assim sendo, o estágio supervisionado quando vinculado à pesquisa a partir do trabalho etnográfico pode contribuir para desvendar as principais temáticas que os estudantes de estágio necessitam conhecer para compreender melhor a sua prática na escola. Nesse sentido, o objetivo geral foi analisar as temáticas refletidas por cinco estagiários a partir do uso da etnografia no ambiente escolar.

É importante aqui conceituar Estágio para tornar mais clara a nossa análise. Para isso, fomos no *Dicionário Trabalho, profissão e condição docente* criado pelo Grupo de

Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (GESTRADO/UFMG), no qual Ventorim (2010, p. 47) define o termo “estágio docente” como:

Ato educativo supervisionado realizado no contexto do trabalho docente que objetiva a formação de educandos que estejam regularmente frequentando cursos e/ou programas de formação de professores nos níveis do ensino médio e do ensino superior, nos cursos de graduação e de pós-graduação *stricto sensu*. Como parte integrante dos processos de formação de professores, o estágio docente constitui-se pela vivência de situações concretas do trabalho docente, proporcionando experiências didático-pedagógicas, técnicas, científicas, artísticas e socioculturais. A inserção político-pedagógica do estagiário de forma gradativa no exercício da profissão docente, compreendida como o magistério e/ou a gestão de instituições educativas, articula dimensões do saber, do saber fazer e do saber conviver. O estágio docente trata da inserção real em situação de trabalho docente e da articulação entre a prática e o estudo acadêmico.

O Estágio docente possibilita a relação entre teoria e prática e a vivência de situações reais da profissão docente, por isso é muito importante na formação dos professores.

Entendemos que o estágio supervisionado nos cursos de licenciatura visa a preparação do estudante para inserção na profissão docente. Para Pimenta e Lima (2010, p. 88), o estágio é “um campo de conhecimento formativo dos futuros professores e integrante de todo o projeto curricular”.

Outra concepção relevante de estágio que fundamenta nossa análise é a de Barreiro e Gebran (2006), segundo a qual o estágio se constitui em um espaço de aprendizagens e de saberes de forma a ultrapassar as questões burocráticas da disciplina, como preenchimento de fichas e cumprimento de carga horária, e as atividades relacionadas com observação e regência em sala de aula. Segundo as autoras,

A formação inicial e o estágio devem pautar-se pela investigação da realidade, por uma prática intencional, de modo que as ações sejam marcadas por processos reflexivos entre os professores-formadores e os futuros professores, ao examinarem, questionarem e avaliarem criticamente o seu fazer, o seu pensar e a sua prática” (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p. 21).

Compartilhamos dessa perspectiva em que o *locus* do estágio é também um espaço de pesquisa e produção do conhecimento sobre a realidade social e sobre as mais diversas dimensões da prática e da profissão docente. Esta é também na concepção de Pimenta e Lima (2010, p. 55), na qual cabe ao estágio desenvolver “atividades que possibilitem o conhecimento, a análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, a fim de compreendê-las em sua historicidade, identificar seus resultados, os impasses que apresenta e as dificuldades”.

No caso empírico aqui analisado, os estudantes fizeram um diagnóstico da escola, investigando o trabalho dos professores e o cotidiano da escola.

Resultados e Discussões

Conforme as reflexões realizadas pelos estagiários, podemos verificar alguns temas como: a sociologia das gerações, o ensino médio, a educação básica, as metodologias de ensino e a formação docente, estes que se apresentaram como assuntos presentes durante as aulas observadas. Nesse sentido, além da descrição sobre as relações que ocorrem na escola, também podemos constatar a construção crítica e reflexiva dos estudantes sobre o espaço escolar a partir do uso do método etnográfico. Conforme o estudante João⁴,

Foi por meio da etnografia na escola que foi possível analisar o atual universo dos estudantes, observando seus comportamentos, perfis e mentalidades na sua forma de compreender o mundo. O novo perfil desses estudantes subte-se que suas condutas, pensamentos e crenças não são os mesmos de antigamente (João, estagiário de Sociologia).

A partir das leituras realizadas durante o curso de licenciatura e a posterior inserção na escola como estagiário, João conclui que as relações escolares precisam ser contextualizadas.

Para ele deve se considerar que: “as escolas têm sofrido profundas transformações ao longo do tempo, o modelo tradicional não é uma regra, mas uma exceção nos dias atuais”.

⁴ Todos os nomes dos estudantes e escolas citadas ao longo do texto são fictícios a fim de preservar a identidade dos mesmos.

Complementa salientando que estas mudanças devem-se às novas gerações, conforme ele,

O que tem diferenciado no modo de observar a escola hoje é o seu público jovem distante desses moldes convencionais que os separam de sua nova postura diante da realidade social, mostram-se cada vez mais autônomos, “dinâmicos” e questionadores da realidade imposta (João, estagiário de Sociologia).

Assim, conclui que as escolas de hoje necessitam adaptar-se pelos valores compartilhados pelo universo estudantil em função da mudança geracional, mais reacionária, “dinamizada” e independente na liberdade de expressão.

O estudante João também observou que algumas atitudes dos estudantes podem estar vinculadas a um melhor entendimento e compreensão sobre o processo de democratização da sociedade. Diante das observações sobre as relações entre o público adolescente e o professor de Sociologia, a partir da perspectiva geracional João coloca que:

Para um professor, seria agradável estar em seu local de trabalho, onde todos os estudantes fossem disciplinados e comportados, mas, os tempos são outros, os valores mudaram e a juventude tem outra “cabeça”. Há a necessidade de transcender esse pensamento e refletir até que ponto deve considerar que em meu tempo não era assim. É ponderável, mas não generalizar demais, em toda uma sala de aula, sempre haverá alguns estudantes que possuem aversão à ordem e à disciplina, outros dedicados que cumprem com seus deveres (João, estagiário de Sociologia).

Em relação a esta dificuldade docente com o comportamento discente, a experiência comentada por *François Dubet* em entrevista as autoras Peralva e Sposito (1997) é ilustrativa no que toca a esta questão sobre o cotidiano escolar. *Dubet* diz que sentia certo estranhamento dos professores de educação básica quando falavam de forma exagerada de seu cotidiano escolar, somente após sua experiência em sala de aula como professor que *Dubet* diz que vai mudar sua visão sobre a sala de aula constatando que é quase impossível ser pesquisador e professor ao mesmo tempo. Durante sua experiência em sala de aula dando aulas de história na educação básica em uma escola

da periferia francesa, *Dubet* admite que a experiência em sala de aula pode vir “desbancar” as análises sociológicas sem base empírica, pois o universo da sala de aula é uma emaranhado de significações que só a vivência/experiência é capaz de traduzir. Sobre esta falta de controle sobre o comportamento dos estudantes *Dubet* descrevendo sua experiência comenta que,

Os alunos não estão “naturalmente” dispostos a fazer o papel de aluno. Dito de outra forma, para começar, a situação escolar é definida pelos alunos como uma situação, não de hostilidade, mas de resistência ao professor. Isto significa que eles não escutam e nem trabalham espontaneamente, eles se aborrecem ou fazem outra coisa. Lá, na primeira aula, os alunos me testaram, eles queriam saber o que eu valia. Começaram então a conversar, a rir (...) (PERALVA;SPOSITO, 1997, p.223).

O estudante Marcelo considerou em seu trabalho que a etnografia no estágio lhe trouxe inúmeros aprendizados diferentes, muitas preocupações, e muita vontade de possibilitar mudanças. Refletindo sobre a relação entre universidade e escola salienta que:

Compreendemos que o ambiente escolar não é o mesmo ambiente que estudamos na academia, e muito menos o ambiente que recordamos de nossa infância e adolescência. Visualizar o processo educativo em sua dinâmica institucional é uma história completamente diferente do que ler um artigo ou um estudo realizado por um dos nossos pares da Academia. A escola já não é a mesma de anos anteriores e muito menos aquela que temos em nossa memória e em nossas fotografias. A idealização é válida, mas não podemos nos resguardar no ambiente confiável da idealização e evitar o confronto com a realidade (Marcelo, estagiário de Sociologia).

Diferente da análise de João, o estagiário Marcelo comenta sobre a desmotivação e o desinteresse dos estudantes para as aulas, contudo pensa que a instituição carrega novos significados para o estudante, logo este novo comportamento adolescente tem demandado outras metodologias, por isso deve ser considerado um dado importante para ser analisado pelos novos pesquisadores.

Observar o comportamento e as atitudes que os estudantes revelam, bem como as novas dinâmicas que os jovens constroem no ambiente

escolar. Acreditar que tudo isso significa apenas um não interesse na estrutura escolar e nas possibilidades que esta oferece para suas vidas futuras, não significa necessariamente concluir que a instituição não signifique nada para eles (Marcelo, estagiário de Sociologia).

A escola que tem sido historicamente representada como um espaço onde deve ocorrer a relação de ensino/aprendizagem observada pelo estagiário Marcelo como: algo que vai além desta relação, sendo que, muitas vezes, o sentido que era dado à escola tem sido o menos respeitado. Conforme observação do estagiário,

A escola transformou-se em um ambiente de socialização transversal à estrutura escolar. Ali os adolescentes se encontram e se reúnem, mantém relações de amizade e de amores, unem ideologias e crenças. Definem grupos que podem durar anos, meses, ou somente poucas horas. Brigam e reatam amizades constantemente. Definem suas identidades sociais e de gênero. Socializam, constroem e desconstroem suas socializações. E tudo isso acontece dentro do espaço físico da escola (Marcelo, estagiário de Sociologia).

No que toca esta questão dos objetivos da instituição escolar na vida dos estudantes, é importante retomarmos a discussão sobre o uso da etnografia no ambiente escolar a fim de pensarmos na possibilidade de traduzir as diversas manifestações socioculturais que ocorrem neste espaço, a fim de analisar as diversas formas de resistências que caracterizam as relações sociais cotidianas vivenciadas na escola.

Em relação às novas gerações comenta que:

As novas gerações esperam que a instituição escolar lhes ofereça algo que realmente seja significativo. O conhecimento puro já não tem a mesma validade que a 15 ou 20 anos atrás tivera. Informações e conhecimento angariam valores semelhantes, e informações são passíveis de apreensão a qualquer momento. As gerações anteriores esperam que o valor da escola não mude que as novas gerações reconheçam este valor. Professores esperam que estudantes se interessem pela escola e seus conteúdos, esperam que tenham responsabilidade, que vivam a escola como templo do saber e tenham o respeito por esta e por seus membros (Marcelo, estagiário de Sociologia).

Para o informante Luiz a prática de estágio é um período de atividades que tem como objetivo contribuir para a “construção” do professor, assim as observações, a preparação do plano de ensino e a execução da regência foram algo extremamente importante para o estagiário. Comenta que o trabalho etnográfico na escola ajudou o a “quebrar paradigmas” na relação academia e sala de aula, sendo um período bastante proveitoso. Nesse sentido, a etnografia durante o estágio proporcionou construir reflexões sobre a formação docente. A respeito da experiência de estágio salienta que o uso dos recursos tecnológico é importante no sentido de aproximar o professor do público jovem, pois os recursos tecnológicos podem ser um meio de aproximar a relação entre professor e aluno.

O resultado da vivência do estágio e da regência em si, para mim, foi à convicção da necessidade de expor, mas também discutir e debater os diversos temas da Sociologia em sala de aula com os alunos. Para alcançar esse objetivo é preciso que se use todos os materiais didáticos disponíveis e ou possíveis. Lembrando que a utilização de recursos tecnológicos, na atualidade, enriquece o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, instiga e amplia o interesse dos jovens alunos a aprender. Jovem X tecnologia – uma linguagem estreita e que pode e deve ser bastante produtiva (Luiz, estagiário de Sociologia).

Já a estagiária Luiza observou que a infraestrutura da escola poderia ser melhor, a fim de que as aulas pudessem ser mais interessantes e motivadoras, no período de seu trabalho de campo a escola não disponibilizava aparelhos de ar condicionado, o que dificultava a concentração dos alunos e professores, considerando a alta temperatura da cidade de Cuiabá. Conforme a observação de Luiza sobre a escola,

As difíceis condições encontradas no ambiente de trabalho escolar (suporte teórico e material insuficientes para efetivo despertar crítico, excessiva quantidade de alunos por turma, forte calor em sala de aula, barulho externo que obriga ao professor forçar o volume da voz, curtos períodos para desenvolvimento dos conteúdos devido a calendários, feriados, projetos de terceiros ou alheios ao conteúdo da disciplina e outras eventualidades que impedem algumas das poucas aulas) ampliam-se as dificuldades quanto a aplicação dos conteúdos sociológicos ao mesmo tempo em que: a propriedade no conhecimento destes torna-se cada vez mais necessária ao docente, tanto para que expresse segurança ao abordar o conteúdo quanto para evitar o risco de ter suprimida a legitimidade de sua presença

enquanto regente de uma turma em sala de aula (Luiza, estagiária de Sociologia).

Conforme alguns estudos (GASPARINI, 2005; CALDAS E KUENZER, 2009; ASSUNÇÃO E OLIVEIRA, 2009), sobre condições de trabalho docente podemos observar que diversos professores precisam lidar com problemas que não são de sua competência profissional como: drogas, gravidez na adolescência, violências, homofobias, fracasso escolar entre outros - unindo ainda as condições precárias de infraestrutura da escola pública, desvalorização salarial desta categoria profissional, desprestígio das licenciaturas no Brasil e falta de programas eficientes para uma formação continuada. Partindo destes fatores apresentados, torna-se difícil estes profissionais mostrarem motivação para o trabalho docente se consideramos os comentários de estagiária Luiza.

Durante o trabalho de campo também observou que os adolescentes apresentam dificuldade em prestar atenção nas aulas de Sociologia, portanto os conflitos geracionais a partir de todos os relatos dos estagiários foram constatados em todas as escolas pesquisadas.

Torna-se necessária uma reflexão sobre o papel da escola frente à formação de jovens indivíduos que já conhecem em considerável parte o que ela tem a oferecer e isso não prende mais a sua atenção. É possível observar no cotidiano escolar que abrem-se possibilidades para contradições quanto à sua composição no currículo básico e a aplicabilidade das práticas didáticas. Essa situação substancial talvez tenha levado parte dos alunos a rejeitarem a Sociologia por considerá-la confusa ou alheia a legitimidade tão fortemente presente em outras. É possível inferir a partir de então que a instituição obrigatória da disciplina, por si só, não torna eficaz o ensino dos seus temas e conteúdos sendo, portanto, relevante considerar a preocupação em firmar-se como instrumento de desenvolvimento crítico intelectual é no ensino básico (Luiza, estagiária de Sociologia).

.

Finalizando o quinto relatório de estágio analisado foi do estudante Rafael, conforme ele, o estágio possibilitou de familiarização com o ambiente escolar por meio da observação etnográfica com temas anteriormente já discutidos em sala de aula. Deste

modo, garantiu desde as metodologias sobre pesquisa no espaço escolar até a construção didática sobre as abordagens dos conteúdos de Ciências Sociais para o ensino médio.

Em relação aos desafios da prática docente pensa que o estágio não deve ser entendido como disciplina que irá formar professores, mas que irá contribuir para reflexão do futuro professores sobre a escola, a educação e a sociedade. Além disso, destaca as tendências interdisciplinares para se compreender o estágio a partir de uma disciplina prática que vai além da aplicação de técnicas vinculadas a transposição de conteúdo. A fala do estagiário expressa essa preocupação já discutida na introdução deste trabalho.

Os desafios postos aos professores, relacionados à sua formação, em princípio nunca são acabados, no sentido que o estágio e a formação acadêmica não entrega o professor pronto para a escola, e compreendendo que essa também não é a função do estágio. e enquanto campo das Ciências Sociais na criação e utilização dos recursos didáticos que possibilite tratar dos conteúdos sociológicos. A interdisciplinaridade também se apresenta como uma possibilidade dentro da escola, cada vez mais crescente (Rafael, estagiário de Sociologia).

Considerações Finais

O estágio supervisionado quando aliado ao uso da etnografia no ambiente escolar pode contribuir significativamente para estudantes de licenciatura compreender e desenvolver o olhar investigativo sobre as manifestações que ocorrem na escola, além da relação de ensino-aprendizagem realizada por professores e estudantes. Contudo, os estagiários em algumas situações ainda são representados como futuros professores, que terão como atividade fundamental transmitir conhecimentos para seus alunos, logo, a prática de estágio destina-se a ensiná-los a “dar aulas”, ou seja, a prática pode priorizar a imitação de modelos escolares ou instrumentalização técnica.

Preocupadas com esta errônea compreensão do que deva ser o estágio, as autoras Selma Pimenta e Maria Socorro Lima (2006), discutem essa concepção em relação à prática de estágio associada à atividade prática/técnica e argumentam que esse entendimento precisa ser rompido, pois a relação entre o estágio e a docência deve ser construída contemplando o ensino e a pesquisa. Uma vez que o estágio não é mais um

componente curricular, mas um campo de conhecimento que interage com outros campos sociais, nesse sentido, deve ser compreendido a partir de uma perspectiva mais complexa.

Concluimos que o estágio supervisionado refletido a partir da atividade de pesquisa contribui para o estudante de licenciatura motivar-se para a vida acadêmica, construindo argumentos desde a graduação que a licenciatura não é só para “dar aula”, assim a etnografia durante o estágio contribui para fortalecer a relação entre pesquisa e ensino, ou seja, para ensinar é necessário pesquisar o cotidiano escolar, sendo a escolha pela etnografia um procedimento promissor para os futuros professores/pesquisadores da escola, na medida em que: garante que o estagiário reflita sobre as especificidades da escola, podendo contribuir com pesquisas e diagnósticos sobre um ambiente que lhe é familiar, pois quem é o sujeito “mais apto” socialmente falando para discutir educação?

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A.de (Org.). **Formação de professores no Brasil (1990-1998)**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

_____. A pesquisa sobre formação de professores: contribuições à delimitação do campo. In: DALBEN, A.; LEAL, L; SANTOS, L. (orgs). **Convergência e tensões no campo da formação e do trabalho docente: didática, formação de professores, trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 273-287.

ASSUNÇÃO, A. Á.; Oliveira, D. A Intensificação do trabalho e saúde dos professores.

Educação Sociedade. Campinas, vol 30, nº 107, p. 349-372, 2009.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BITENCOURT, S. M.; RODRIGUES, F. X. F. O Evento Ciclo de Saberes: experiências com o ensino de Sociologia no curso de licenciatura em Ciências Sociais da UFMT?, Cuiabá/MT. **Caminho Aberto - Revista de Extensão do IFSC**, v. 4, p. 106-110, 2016.

BRZEZINSKI, I; GARRIDO, E. Trabalho docente: mapeando a pesquisa em teses e dissertações brasileiras. In: **Educação & Linguagem**, ano 10, n.15, p. 60-81, jan./jun. 2007.

CALDAS, A.; KUENZER, A. Trabalho docente: comprometimento e desistência. In: FIDALGO et ali (Org). **A intensificação do trabalho docente**. Tecnologias e Produtividade. Campinas: Papirus, 2009. p.19-48.

ENS, R. T.; ROMANOWSKI, J. P. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. In: **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPARINI, M. S. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n° 2, p. 189-199, 2005.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1998.

PERALVA, A. T; SPOSITO, M. P. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. Entrevista com François Dubet. **Espaço aberto**. 1997. p. 222-231.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis** – Volume 3. Números 3 e 4, p.5-24, 2005/2006.

PFAFF, N. Etnografia em contextos escolares: pressupostos gerais e experiências interculturais no Brasil e na Alemanha. WELLER, W.; PFAFF, N. (orgs.) **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p.254-270.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 15-33.

NOGUEIRA, M. A. Tendências atuais da Sociologia da Educação. In: **Leituras em imagens: grupos de pesquisa em sociologia da Educação**. Florianópolis: UDESC, 1995, p.23-43.

SPOSITO, M. P. Interfaces entre a Sociologia da educação e os estudos sobre a juventude no Brasil. In: **Sociologia da Educação: Análise internacional**. Porto Alegre: Penso, 2013. Pp.438-446.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 73, Dezembro/00. p.209-244.

TORRES, R. M. Tendências da formação docente nos anos 90. In: WARDE, M. J. (Org.). **Novas políticas educacionais: críticas e perspectivas**. São Paulo. Programa de Estudos de Pós-graduados em Educação: História e Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

VENTORIM, S. Estágio docente. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C; VIEIRA, L. M. F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CD-ROM.

ZAN, D. P. e. O estágio na formação do professor de Sociologia. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol 31, nº85, p.447-458, set.-dez.2011.